

EAGLETON, TERRY. *MATERIALISM*. NEW HAVEN: YALE UNIVERSITY PRESS, 2017.

Carla Baute¹

Resumo: *Materialism* (2017) é a obra mais recente de Terry Eagleton (1943-), um dos críticos culturais mais influentes da Grã-Bretanha nos dias atuais. No livro, o autor discute os Materialismos de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Ludwig Wittgenstein. No decorrer de cinco breves capítulos, traça distanciamentos e semelhanças entre essas propostas. São tomados como temas centrais a relação do ser humano com seu corpo, com a natureza, com a linguagem e o autoconhecimento.

Palavras-chave: Eagleton; materialismo.

Pouco, ou quase nada, escapa do olhar crítico e perspicaz de Terry Eagleton (1943-), amplamente reconhecido como um dos críticos culturais mais influentes da Grã-Bretanha nos dias atuais. Suas mais de cinquenta obras publicadas demonstram o caráter eclético de seus interesses de pesquisa. De temas clássicos em literatura e filosofia, para polêmicas espinhosas com pós-estruturalistas e pós-modernos, passando por debates envolvendo o Novo Ateísmo de Richard Dawkins e Christopher Hitchens até chegar ao seu mais novo livro, um debate sobre a concepção materialista.

Lançado em janeiro de 2017, *Materialism* toma para si a trabalhosa tarefa de discutir os Materialismos de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Ludwig Wittgenstein. No decorrer de cinco breves capítulos, o autor traça distanciamentos e semelhanças entre essas propostas. São tomados como

¹ Mestranda no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: carlabaute@gmail.com.

temas centrais a relação do ser humano com seu corpo, com a natureza, com a linguagem e o autoconhecimento.

No primeiro capítulo da obra, Eagleton apresenta um esboço da história do Materialismo e suas diferentes versões. Enfatiza que, apesar de o termo ter surgido no século XVIII, suas origens remontam à Antiguidade e têm em Epicuro de Samos um nome de destaque. Não por acaso esse pensador foi o tema da tese de doutoramento de Marx, em cuja proposta de Materialismo o autor transita com a maior confiança. Ao se deslocar para a Idade Moderna, destaca a contribuição de Baruch de Espinosa e sua ênfase na vivacidade e autodeterminação da matéria. Nesse contexto, Materialismo e Humanismo andariam muito próximos.

Em relação ao século XIX, com Charles Darwin desvelando as origens do homem e inserindo-o nos processos materiais, Eagleton detecta como a ética em relação à natureza entra em jogo. Décadas mais tarde desenvolveu-se o Materialismo Dialético, filosofia que aparece em Friedrich Engels e sua *Dialética da natureza*. Nela tudo estaria conectado – os asteroides, as formigas e os seres humanos – em uma combinação complexa de forças. Eagleton critica essa proposta pelo viés idealista que ela encerra, chamando-a de uma “teoria do tudo” e um absurdo filosófico (p. 8). Enuncia, ainda, que essa vertente encontrou ecos em pensadores do século XX, como Henri Bergson, Ernst Bloch, Gilles Deleuze e outros. Nessa espécie de “vitalismo cósmico” (p. 15), o ser se tornaria idealizado, dotado de uma criatividade imanente e sem limites.

No Materialismo Histórico de Marx, Eagleton percebe uma proposta mais plausível e tangível, que vê, dentro dos conflitos entre forças e relações de produção, as diferentes dinâmicas da história. Ao tratar das atividades de homens e mulheres tendo como base a produção e reprodução de sua existência social, tal pensamento não estaria confinado somente ao Marxismo.

Em seguida, a obra faz um salto em direção a correntes filosóficas do século XX. Passa pelo Materialismo Cultural de Raymond Williams, crítico galês que foi mentor de Eagleton em Cambridge, ressaltando as semelhanças dessa teoria com a sociologia da arte e destacando seu viés politizado. Ocupa-se também dos debates em torno do Novo Materialismo, vertente de pensamento que buscaria focar a relação entre sujeito, processos naturais e biodiversidade. Eagleton critica ferozmente essa corrente e seu caráter pseudometafísico, também realçado quando trata do Materialismo Especulativo, que tem como grande nome o

filósofo francês contemporâneo Quentin Meillassoux. Tal vertente do Materialismo, crítica do humanismo e defensora do poder ilimitado da razão humana e da possibilidade desta de encontrar o Absoluto, mergulharia, segundo Eagleton, na crítica teológica. Em uma passagem um tanto quanto enigmática do texto, rebate Meillassoux usando argumentos do Cristianismo, chegando a enfatizar neste aspectos materialistas (pp. 27-33). O viés espiritual seria para o inglês, nesse sentido, uma maneira de fugir do “tristemente mundano” (p. 34). Ao final dessa seção, destaca um tipo específico de Materialismo, o Antropológico ou Somático. Define-o “como um modo de ver, [que] levou a sério o que é mais palpável sobre homens e mulheres, sua animalidade, suas atividades práticas e constituição corpórea” (p. 35).

No capítulo 2 da obra se destaca o esforço argumentativo de Eagleton para relacionar os Materialismos de Marx, Nietzsche e Wittgenstein com os argumentos sobre a natureza humana de Tomás de Aquino. Por mais inusitado que possa parecer, linhas claras são traçadas entre esses autores tão diversos, começando pela concepção que estaria presente em todos esses pensadores, de que somente através de um árduo processo histórico um corpo “dado” se tornaria “pessoa”. Outros pontos de convergência apontados pelo crítico se referem aos diversos modos pelos quais o desenvolvimento do corpo se dá na vida material, passando pelas conexões entre corpo e racionalidade, tendo como eixo central de discussão a formação da especificidade e do sentido da linguagem.

No capítulo 3 a discussão gira em torno da proposta de Materialismo Somático de Marx: o Materialismo Histórico. Após o caminho pouco convincente do argumento teológico do primeiro capítulo, aqui o crítico consegue marcar paralelos instigantes entre Tomás de Aquino e Marx. Ambos pensadores tomariam como ponto de partida a importância dos sentidos na constituição da prática humana, ideia que remontaria ao impacto da leitura de Aristóteles. Na análise de Marx, Eagleton destaca uma nova relação do ser humano com o trabalho no processo de se reconhecer como agente material. Ao relacionar produção, linguagem e pensamento numa complexa teia, o Materialismo Histórico daria ênfase ao corpo, a despeito de seus limites nessa concepção, ao omitir a sexualidade. Contudo, autores do século XX, como, por exemplo, feministas marxistas – Erich Fromm, Theodor Adorno e Herbert Marcuse –, inseriram essa dimensão em suas análises, na esteira das concepções de Sigmund Freud, que aparecem em inúmeras outras comparações no decorrer do livro.

No capítulo 4 concentra-se a discussão sobre o Materialismo Somático de Nietzsche. O foco está no estabelecimento de semelhanças e diferenças entre o pensamento deste e o de Marx. Segundo Eagleton, o contraste entre as posições políticas dos dois autores seria tão drástico que pode ofuscar o que eles têm em comum: a problemática da falsa consciência (um problema temporário para Marx e permanente para Nietzsche); a visão da história como negativa e opressora; e o desprezo pela religião. Entretanto, o modo como tais questões são encaminhadas difere em ambos. Para Marx o trauma do sofrimento humano deveria ser reconhecido para ser superado, enquanto em Nietzsche, essa superação viria somente pela amnésia. De acordo com eles, o sofrimento histórico pode ser deixado para trás – para Marx, pelo Comunismo; para Nietzsche, pelo Super-Homem. O tema da moralidade também se desenvolve de maneira muito distinta entre os dois. Se para Nietzsche ela se opõe à vida, torna-se justificável e até louvável a escravidão de um povo por outro, de cultura “superior”. Já para Marx, de certo modo herdeiro de Aristóteles e Hegel, a moralidade caminha em paralelo com o florescimento humano, e assim se torna central a ideia da autorrealização de terceiros.

Outro movimento é realizado nesse capítulo para dar conta do papel da linguagem dentro do Materialismo Somático de Nietzsche. Segundo Eagleton, a linguagem para esse pensador não refletiria as coisas como elas são, mas sim modos de ver o mundo relacionados à nossa espécie e válidos em determinados domínios do discurso. Tais domínios estariam, por outro lado, conectados às nossas necessidades materiais e vontades.

No capítulo final, a obra detém-se na análise de Wittgenstein, com destaque para o lugar da linguagem em sua filosofia, que se configuraria na complexa relação do ser humano com o corpo e do corpo com as práticas humanas. Sendo assim, as palavras ganhariam um estatuto de realidade material. Dentro dessa proposta, os conceitos não espelham ou associam a realidade. A propósito da seguinte afirmação de Wittgenstein “é a nossa *atuação* que reside no fundo do jogo da linguagem” (WITTGENSTEIN, 1969, p. 23), o crítico inglês defende que essa seria a versão wittgensteiniana da assertiva de Marx de que o ser social determina a consciência (EAGLETON, 2017, p. 120).

Um aspecto que só é desenvolvido nesse capítulo da obra é a inserção intelectual de Wittgenstein. Ao tentar analisar as confluências entre o pensamento dele e o Marxismo, Eagleton faz uso da análise da rede intelectual na qual aquele filósofo estava inserido. Mesmo em meio a um

ambiente hostil ao Comunismo – a Universidade de Oxford das primeiras décadas do século XX –, Wittgenstein manteve laços de amizade significativos com três intelectuais ligados ao movimento: Maurice Dobb, economista filiado ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) e ligado ao grupo dos Historiadores Marxistas Britânicos; George Thomson, filósofo e historiador da antiguidade; e Piero Sraffa, economista italiano e colega de Antonio Gramsci no Partido Comunista Italiano (PCI). Eagleton defende que o Marxismo é uma importante influência no pensamento maduro de Wittgenstein, mesmo que de maneira indireta. De Sraffa veio a contribuição de sua crítica à economia burguesa. De Thomson, a influência de seus estudos acerca do papel da linguagem em filósofos antigos.

Rebatendo biografias sobre Wittgenstein que enfatizaram certo caráter de esquerda em seu pensamento, bem como sua simpatia pelo regime de Joseph Stalin na União Soviética, Eagleton interpreta que essas relações não se deram por meio de afinidades com o Materialismo Histórico, mas sim pela personalidade autoritária do filósofo. Sua relação com o Marxismo ocorreria através do que Raymond Williams denominou “identificação negativa” (p. 136), já que o socialismo não era um horizonte desejável para Wittgenstein. O que poderia unir aos comunistas eram seus inimigos em comum: a sociedade de classe média, o mercado capitalista e a democracia parlamentarista da Inglaterra. De acordo com Eagleton, todos rejeitariam o presente, no entanto o fariam por diferentes motivos. Os marxistas, por ansiarem um futuro de liberdade. E Wittgenstein, por uma espécie de saudosismo, o que pode estar conectado às suas raízes aristocráticas e à influência do conservadorismo de Oswald Spengler e da *Kulturkritik*,² nomes fortes em sua formação.

Apesar dos distanciamentos entre a filosofia de Wittgenstein e o Materialismo Histórico, o autor consegue traçar paralelos instigantes entre eles. Ressalta que, mesmo que o conceito de ideologia não faça parte do arcabouço teórico de Wittgenstein, sua postura frente ao campo da filosofia o aproximaria de Marx. Para ambos, somente uma mudança drástica do modo de viver e de pensar poderia surtir efeitos nas “doenças

² Termo alemão para crítica da cultura, que tem sua origem na antiguidade e está em uso até os dias de hoje. Aqui, especificamente, Eagleton faz a relação com autores que analisam a cultura na contemporaneidade, e com textos que continham alto teor antimoderno e alarmista. Conta com nomes como Jean-Jacques Rousseau, Friedrich Schiller, Nietzsche, Weber e Adorno, por exemplo.

filosóficas”, e, mais ainda, essa mudança teria de se dar no âmbito coletivo. A diferença entre os dois autores diz respeito em qual âmbito essa mudança se daria, pois, para Wittgenstein não seria principalmente uma mudança política.

O capítulo é concluído com a aproximação de Wittgenstein com Gramsci, que teria elaborado uma crítica das práticas cotidianas que saiu do “pedestal acadêmico” e enxergaria no senso de agência dos seres humanos, bem como na possibilidade de transformação da vida cotidiana, a oportunidade de criação de uma alternativa ao senso comum. É dessa forma que Eagleton vê a proposta Materialista de Wittgenstein, que, mesmo com seu “estilo patricio”, teria articulado uma sensibilidade artística, expressa na forma de sua escrita filosófica, com a insistência de que homens e mulheres deveriam se desligar de “fantasias autoindulgentes” (p. 54).

A sensação que fica após esse breve, porém intenso, percurso, é a de que esse quinto e último capítulo termina de forma um tanto quanto abrupta. Os argumentos do livro, a pertinência das aproximações e dos distanciamentos que tenta traçar, ficam espalhados ao longo das páginas. O mais desejável seria uma síntese dessas ideias para fortalecer ainda mais o argumento e selar a relevância do estudo realizado. Outro aspecto que deve ser ressaltado é o de que, mesmo sendo um livro curto e voltado para divulgação, sua leitura exige algum conhecimento prévio de filosofia ocidental por parte do leitor.

Uma faceta da obra que poderia ser mais aprofundada se refere à potente crítica de Eagleton às vertentes pós-estruturalista e pós-moderna. Em *Materialism*, seu posicionamento aparece de maneira discreta, em meio a piadas e alfinetadas acerca da “amnésia seletiva” com que tratariam certos tópicos. Para uma apreciação de argumentos mais robustos, caso o leitor se sinta instigado, recomenda-se a leitura de outras obras de Eagleton, como *As ilusões do pós-modernismo* (1998), *A ideia de cultura* (2011) e *Depois da teoria* (2010).

No mais, autor, na altura dos seus 74 anos de idade, não foge de novos desafios e mostra que seu vigor intelectual segue forte. Fica clara, através da lucidez e do nível de articulação com os quais navega pelo Materialismo Histórico, a sua *expertise* nesse assunto. Não obstante, seus méritos ao navegar por águas não menos turbulentas da filosofia, em pensadores como Nietzsche e Wittgenstein, são notáveis, como, por exemplo, o ineditismo com que articula o caráter antifilosófico que une esses

autores e os caminhos distintos que essa faceta tomou em cada um deles. Ocasionalmente aparecem algumas libertinagens anacrônicas, tal como a assertiva de que certo argumento de Marx é Wittgensteiniano – isso seria impossível, já que Marx viveu e produziu suas obras antes do nascimento de Wittgenstein na Áustria em 1889. Outro aspecto que poderia ser parte integrante de todas as seções do livro diz respeito à preocupação de inserir os autores em seus contextos intelectuais, análise feita somente do caso de Wittgenstein, no capítulo cinco.

Esses breves apontamentos de modo algum almejam ofuscar o fôlego e a pertinência da difícil empreitada de *Materialism*. Eagleton, em meio a seu humor ácido e sua escrita por vezes enigmática, é uma voz necessária na atual conjuntura, um exemplo de intelectual prolífico e desafiador.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998[1996].

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010[2003].

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011[2000].

WITTGENSTEIN, Ludwig. *On certainty*. Oxford: Basil Blackwell, 1969.